

Migrações do Ensino Regular para a Educação de Jovens e Adultos: um estudo de caso no Instituto Estadual Couto de Magalhães

Éder da Silva Silveira

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Professor da Universidade Luterana do Brasil Campus São Jerônimo.

Jefferson Pereira de Almeida

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Professor do Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios (IBGEN).

Ivone Rupulo

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Juarez Diel

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Abstract:

The present article intends to present a study of case carried through in the state Institute Couto de Magalhães, in the city of Arroio dos Ratos, Rio Grande do Sul. The phenomen of the increasing migration of students of the regular education to the modality of Young and Adult Education, as information of teachers of the related school, were configured in the main object of research. Beyond explaining the ways covered during the inquiries, one searches to present for the reader an analysis of results gotten, as well a reflection on the EJA and its phenomena contemporaries.

Key words: regular education, young and adult education, study of case.

Resumo:

O presente artigo pretende apresentar um Estudo de Caso realizado no Instituto Estadual Couto de Magalhães, na cidade de Arroio dos Ratos, Rio Grande do Sul. O fenômeno da crescente migração de alunos do Ensino Regular para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos, conforme informações de professores da referida escola, configurou-se no principal objeto de pesquisa. Além de explicar os caminhos percorridos durante as investigações, busca-se apresentar ao leitor uma análise dos resultados obtidos, bem como uma reflexão sobre a EJA e seus fenômenos contemporâneos.

Palavras-chave: Ensino regular, Educação de Jovens e Adultos, Estudo de Caso.

Introdução

O Estudo de Caso que passamos a apresentar a seguir encontrou sua motivação quando um dos integrantes do grupo de pesquisa trouxe a valiosa informação do advento de um fenômeno que ocorria na escola estadual em que trabalhava, o Instituto Estadual Couto de Magalhães¹, localizado em Arroio dos Ratos: a crescente migração de alunos do Ensino Regular para a EJA. A partir desta informação vislumbramos a possibilidade de construir um problema de pesquisa para um estudo de caso: quais são os motivos que levam os alunos do Ensino Médio a migrar para a modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA? Também queremos responder à questão mobilizadora, no sentido de conhecer as principais respostas de jovens e adultos quanto as suas motivações pessoais, profissionais e sociais de frequentar um curso na EJA. Conhecer estas respostas é de fundamental importância para que possamos, enquanto profissionais da educação, refletir sobre a nossa prática pedagógica, entendendo as representações dos alunos do ensino regular que acabam aumentando o público na EJA. Assim, poderemos interferir nesse processo, privilegiando e refletindo nossa prática educativa.

Neste sentido, a presente investigação teve como objetivo geral a necessidade de conhecer os principais motivos que levam jovens e adultos a procurar e a migrar para a EJA. Além disso, coube ao nosso esforço a tentativa de alcançar outras finalidades com as quais se esperava poder atingir o objetivo geral:

- Apontar as diferenças encontradas pelo aluno que passou do Ensino Regular para a EJA;

¹ A Educação de Jovens e Adultos no Instituto Estadual Couto de Magalhães ocorre no turno da noite. Portanto, os entrevistados nesse universo foram apenas professores e alunos do noturno da referida Instituição de Ensino.

- Identificar as dificuldades encontradas ao cursar a EJA;
- Verificar quais são as principais carências no ensino regular apontadas pelos alunos que passam pela EJA;
- Entender quais os objetivos dos alunos ao ingressar na EJA e suas representações sobre o curso.

1. Fundamentação teórica

Mais de um terço dos adultos do mundo não possuem acesso ao conhecimento impresso, às novas habilidades e tecnologias que poderiam melhorar sua qualidade de vida e adaptá-los às mudanças sócio-culturais para viver – ou sobreviver – na sociedade pós-industrial do século XXI.

Foi no processo de redemocratização dos anos 80 que a Constituição Brasileira deu um passo definitivo em direção a uma nova concepção de Educação de Jovens e Adultos (doravante designada EJA). Atualmente, a EJA constitui a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, tornando-se modalidade da Educação Básica e é reconhecida como direito público subjetivo na Etapa do Ensino Fundamental.

É importante considerar que os alunos da EJA são diferentes dos alunos presentes nos anos adequados à faixa etária. São jovens e adultos, em sua maioria trabalhadores, maduros, com larga experiência profissional ou com expectativa de inserção no mercado de trabalho. Foi a ausência de uma escola ou a evasão da mesma que os dirigiu para um retorno nem sempre tardio à busca do direito do saber.

De acordo com a V CONFITEA – Conferência de Educação de Adultos, ocorrida em Hamburgo, na Alemanha, em 1997,

“A educação de adultos torna-se mais que um direito: é chave para o século XXI; é tanto consequência do exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Além do mais, é um poderoso argumento em favor do desenvolvimento ecológico sustentável da democracia da justiça, da igualdade entre os sexos do desenvolvimento socioeconômico e científico, além de um requisito fundamental para a construção de um mundo onde a violência cede lugar ao diálogo e à cultura de paz baseada na justiça”.²

² MEC, 1997, p.1., de acordo com as Bases Legais das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos em vigor.

Além da *motivação*, tratamos como conceitos-chave dessa investigação empírica, os conceitos de *ensino* e *educação*, apresentados por LEÔNICIO JOSÉ GOMES SOARES. De acordo com SOARES, *enquanto o termo “ensino” se restringe à mera instrução, o termo “educação” é muito mais amplo, compreendendo os diversos processos de formação* (2002, p. 12). Segundo o autor, a mudança da classificação de “ensino supletivo” para “educação de jovens e adultos” não foi apenas uma mudança de vocabulário. O que houve foi *um alargamento do conceito ao mudar a expressão de ensino para educação*. (2002, p.12).

Nesse sentido, também buscamos analisar se esta mudança conceitual e constitucional acontece na prática docente na Educação de Jovens e Adultos. O rompimento com a padronização de Ensino Supletivo para a Educação de Jovens e Adultos está sendo uma mera atualização vocabular ou é, de fato, uma revolução na prática educacional escolar para a EJA? Nesse cenário, quais são as motivações que estão levando Jovens e Adultos a procurarem cada vez mais a EJA, a ponto de verificarmos um crescente êxodo do Ensino Regular?

Os jovens e adultos da EJA são, tradicionalmente, provenientes de uma classe social com falta de conquistas econômicas, sociais e culturais. São também trabalhadores com o desejo de crescer profissionalmente ou pessoas em busca de emprego. São pessoas com uma linguagem própria que carregam muitas experiências de vida e suas representações do mundo em que vivem.

De acordo com PAULO FREIRE (1996, p.52):

“Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece à importância dos ‘conhecimentos de experiência feitos’ com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para escola”.

As palavras de PAULO FREIRE vêm ao encontro das idéias de que o aluno deve ter em sala de aula a chance de aproveitar suas experiências de vida e, assim, com o apoio do professor, construir a aprendizagem e reconstruir a sua visão de mundo. É importante ressaltar que tanto professor quanto aluno são sujeitos no processo de ensino e aprendizagem, desmistificando a idéia da escola tradicional, na qual o professor detinha o conhecimento e o aluno é que precisava aprender. Assim, as unidades educacionais da EJA devem construir, em suas atividades, sua identidade como expressão de uma cultura que considere as necessidades de seus alunos, incentivando suas potencialidades.

A partir da Era Vargas o Brasil começou alterar suas características. De um país rural e agrário, transformava-se num Brasil urbano e industrial. Nesse contexto, a ampliação da oferta de Ensino Básico, impulsionada, por sua vez, pelo governo federal, tinha como um dos objetivos a capacitação profissional. Além disso, o alto índice de

analfabetismo do país também colaborava para uma representação do adulto-analfabeto como incapaz e marginal. No entanto, é na década de 1940 que surgem os primeiros decretos-leis pensando na alfabetização dessa clientela.

“Finalmente, pelo Decreto Lei nº 8529 de 2 de janeiro de 1946, foi estabelecida a Lei Orgânica do Ensino Primário, prevendo o curso Supletivo, no qual era permitido o ingresso de jovens com a idade mínima de 13 anos. Com a criação do Serviço de Educação de Adultos, pelo Ministério de Educação e Saúde, em 1947, ficou completo o aparato institucional necessário para a implantação dessas medidas. Naquele mesmo ano, através da coordenação do educador Lourenço Filho, foi iniciada a primeira Campanha Nacional de Alfabetização de Adolescentes e Adultos, assim como, por iniciativa de empresários, foram criados o SESI (Serviço Social da Indústria) e o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural)” (SILVA, 2001, p. 50).

No início da década de 1960, a Lei nº 4024/61 estabeleceu que os maiores de 16 anos poderiam obter certificado de conclusão do curso ginásial mediante a prestação de exames de madureza, e os maiores de 19 anos poderiam obter o certificado de conclusão do curso ginásial. Além disso, também neste período, difundiram-se as idéias de educação popular, sobretudo com a influência de PAULO FREIRE.³

Com a LDB de 1971 (Lei nº 5692/71) foi implantado no Brasil o Ensino Supletivo que, dentro do contexto social brasileiro, deveria contribuir para enfrentar o alto índice de analfabetismo que persistia como um problema crônico nacional.

“O ensino supletivo ganhou capítulo próprio na LDBEN nº 5.692/71, estabelecendo que ele se destinava a suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tinham seguido ou concluído na idade própria”. Esse ensino poderia ser ministrado a distância, por correspondência ou por outros meios adequados. Os cursos e os exames seriam organizados dentro dos sistemas estaduais, de acordo com seus respectivos Conselhos de Educação”. (Proposta Curricular para EJA, 2002, p. 16)

As principais funções do Ensino Supletivo eram suprir de forma compensatória o ensino regular pelo supletivo, via cursos e exames com direito a certificação, visando qualificação e aprendizagem. Conforme reconhecimento do próprio MEC, em 2002, tais funções não se desenvolviam de forma adequada. Atualmente, as Diretrizes Curriculares

³ Neste contexto surgiram o MEB (Movimento de Educação de Base) e, em 1967, o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, conforme a Resolução CNE/CEB nº 1/2000, definem a EJA como uma modalidade da Educação Básica e como direito do cidadão, afastando-se a idéia de compensação e suprimimento e assumindo novas funções.

A identidade da EJA vem sendo (re)construída desde a surgimento da LDBEN nº 9394/96 e a resolução CNE/CEB 1/2000. Anteriormente a denominação “supletivo” embutia a conotação de compensar “o tempo perdido” ou “complementar o inacabado”⁴. Atualmente, a EJA deve desempenhar 3 funções: a função reparadora, a equalizadora e a qualificadora.

“...é necessário que a Escola assuma a função reparadora de uma realidade injusta, que não deu oportunidade nem direito de escolarização a tantas pessoas. Ela deve também contemplar seu aspecto equalizador, possibilitando novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços de estética e na abertura de canais de participação... e a qualificadora, com apelo à formação permanente, voltada para a solidariedade, a igualdade e a diversidade”. (2002, p.13)

Pelas entrevistas realizadas com os 65 alunos de EJA do Instituto Estadual Couto de Magalhães, percebe-se que essas transformações propostas e legitimadas pelas atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA, não foram capazes de mudar uma das características fundamentais do Ensino Supletivo que ainda prevalece no cotidiano escolar da EJA: a da compensação e do aceleração de estudos. A maioria dos entrevistados que migraram para a EJA, o fizeram na perspectiva de concluírem seus estudos e saírem da escola num período mais curto de tempo.

2. Metodologia

Como já foi dito anteriormente, a presente investigação é um Estudo de Caso e, como tal, pretende investigar um fenômeno social complexo, buscando preservar a totalidade das características mais significativas da vida real, em especial, do ambiente da escola na qual se processou a pesquisa. Para responder a questão mobilizadora, foi utilizado um questionário, respondido pelos alunos regularmente matriculados.

Este artigo apresenta os resultados de uma análise feita a partir das respostas de um questionário semi estruturado, realizado com base em uma amostragem de 65 alunos que migraram do Ensino Regular para a EJA, bem como análise de entrevistas realizadas com 7 professores que ministram aula na referida modalidade de ensino, no Instituto Estadual Couto de Magalhães, situado na cidade de Arroio dos Ratos.

⁴ Proposta Curricular para EJA, 2002, p. 87.

3. Análise dos dados

As questões indicadas no instrumento de pesquisa enfocam pontos que buscam investigar os motivos que levaram os alunos a migrar para a EJA e de que maneira esses estudantes percebem a diferença entre essa modalidade escolar e o Ensino Regular. A seguir serão apresentados os dados obtidos em cada uma das questões respondidas por esse universo de estudantes.

Trinta e três homens e trinta e duas mulheres formaram o total de alunos entrevistados. Apenas onze alunos do grupo total de entrevistados apontaram ter migrado para a EJA por se encontrarem em uma idade avançada e por acreditarem ser a EJA uma modalidade especial para pessoas mais velhas que não tiveram condições de realizar os estudos. Desses onze alunos, quatro se encontram na faixa etária entre 30 e 40 anos, três na faixa etária entre 20 e 30 anos, dois na faixa etária de mais de 40 anos e dois na faixa etária de mais de 20 anos.

Um grupo de 8 alunos declarou ter migrado para a EJA, apenas por necessitar estudar à noite. Desses oito alunos, seis se encontram na faixa etária entre 16 e 20 anos e dois na faixa etária entre 20 e 30 anos.

Três estudantes declararam ter trocado o Ensino Regular pela EJA, por essa última oferecer melhores condições de aprendizagem. Estes, encontram-se na faixa etária entre 16 e 20 anos.

Dez estudantes disseram que fizeram essa troca, porque na EJA têm o conteúdo mais resumido. Desses, oito encontram-se na faixa etária entre 16 e 20 anos; um entre 20 e 30 anos e um entre 30 e 40 anos.

Vinte e nove alunos informaram ter trocado o Ensino Regular pela EJA por terem, apenas, condições de acabar os estudos mais rápido (*aceleração*). Dos alunos entrevistados, nove encontram-se na faixa etária entre 16 e 20 anos; quinze na faixa etária entre 20 e 30 anos; 3 na faixa etária entre 20 e 40 anos e dois na faixa etária com mais de 40 anos. Quatro alunos, na faixa entre 30 e 40 anos, disseram ter trocado para a EJA pela falta de disciplina dos colegas do Ensino Regular.

Na questão nº 3 do questionário semi-estruturado os alunos deveriam apontar a diferença que percebiam entre o Ensino Regular e a EJA. Dezoito alunos apontaram ser o ensino da EJA mais difícil que o Regular; quatro alunos apontaram ser o conteúdo do EJA mais fácil. Nove alunos disseram que havia na EJA mais disciplina por parte dos estudantes. Quatro alunos apontaram que na EJA a relação professor aluno é melhor.

Quando perguntados sobre as dificuldades encontradas ao cursar a EJA, questão nº 4, sete alunos apontaram não possuir nenhuma dificuldade; dez alunos indicaram existir uma grande quantidade de matéria para o tempo de cada módulo ou etapa. Com menor incidência também foram apontadas questões como o relacionamento positivo entre os colegas (dois) e com os professores (um). A distância da escola também foi apontada por um aluno bem como a dificuldade do exame de seleção para ingresso na EJA.

Ao destacarem os pontos positivos da EJA, questão nº. 5, as respostas praticamente se repetiram com relação às questões anteriores, sendo que aqui a expressão “rapidez no término do ensino” foi destacada por alguns estudantes.

Em relação aos aspectos negativos, questão nº. 6, os alunos destacaram: grande quantidade de matéria (sete alunos); falta de integração com os colegas, (dois alunos), e prova de seleção difícil (um aluno). Boa parte dos alunos, vinte e três, indicou não haver pontos negativos.

Conclusão

A prática de observação e realização de entrevistas na EJA nos levou às reflexões sobre a EJA na atualidade. Trouxe, também, respostas para a questão mobilizadora dessa investigação. As respostas dos alunos entrevistados quanto aos motivos que os fizeram procurar a EJA foram bem parecidas em seus conteúdos.

Percebemos que a prática educacional, ou a estrutura educacional na Educação de Jovens e Adultos ainda está atrelada à prática do antigo supletivo, na maioria das escolas. Uma das principais características da modalidade de ensino supletivo foi o aligeiramento. Nesse sentido, ainda não aconteceu, de fato, o rompimento com a padronização que marcou o ensino de adultos com a LDB 5.692/71. Concordamos com LEÔNICIO SOARES, quando coloca que “estamos convivendo com antigas práticas como a do ensino supletivo, marcado pelo aligeiramento do ensino, e uma nova concepção de Educação expressa pelo direito e por uma educação de qualidade” (SOARES, 2002, p.7-8).

A partir da investigação, concluiu-se que o principal motivo que os levaram a procurar a EJA foi a possibilidade de terminar a educação básica num curto espaço de tempo. Em segundo lugar, as respostas foram de encontro com a necessidade de terminar os estudos básicos em função do mercado de trabalho. Muitas respostas também citaram a identificação dos alunos com o público da EJA.

Segundo os alunos entrevistados, as principais diferenças (positivas) encontradas do Ensino Regular para a EJA foram:

- 1) A visão de que na EJA existe um maior amadurecimento dos alunos, um maior comprometimento e a inexistência de problemas relacionados à indisciplina;
- 2) Na EJA alguns conteúdos são mais contextualizados à vida do aluno;
- 3) Na EJA existe mais liberdade de expressão e avaliação diferenciada.

Ao analisarmos as questões de ingresso na EJA, constatamos, também, que uma das maiores dificuldades encontradas pelos alunos, que em sua maioria são pessoas maduras emocionalmente, está relacionada à adaptação e o receio de não acompanhar o processo de aprendizagem, conciliando ao mesmo tempo estudo, família e trabalho. Em alguns casos, a necessidade da auto-realização, do crescimento pessoal, o maior

reconhecimento no grupo social, o desejo de concluir o Ensino Básico, poder acompanhar e ajudar os filhos, são alguns dos pontos destacados.

Paulo Freire ressalta que a educação pode contribuir para que as pessoas se acomodem ao mundo em que vivem ou se envolvam na transformação dele. Será que nós educadores estamos proporcionando uma educação transformadora, desenvolvendo a habilidade da autonomia nos nossos alunos?

Sabemos, no entanto, que há algumas escolas que já estão atuando com práticas educativas progressistas na Educação de Jovens e Adultos. Essas se preocupam em fazer um planejamento diferente para trabalhar com a clientela da EJA e estão superlotando essa modalidade de Ensino, uma vez que está sendo mais atrativa para os alunos.

A transição do conceito de ensino para o de educação na prática docente é de fundamental importância para formarmos cidadãos críticos e com autonomia numa sociedade de classes excludente. No entanto, não há criticidade nem conhecimento geral, se não houver na sala de aula a curiosidade e a contextualização dos conteúdos com as vivências do aluno.

Já existem escolas que já encontraram algumas alternativas para fazer um diferencial na Educação de Jovens e Adultos. Algumas fazem uma pesquisa com os alunos da EJA para descobrirem quais seriam os assuntos ou temas que eles mais gostariam de aprender ou que têm curiosidade. Com isso, a supervisora da escola, juntamente com os professores, engloba as principais curiosidades dos alunos em temas-chaves por trimestre ou bimestre. Todas as disciplinas trabalham seus conteúdos enfocando ou partindo do centro de interesse. Os alunos participam mais, questionam e contextualizam aqueles conteúdos com o que lhes motivaram a escolher o tema de interesse. Enfim, alternativas existem aos montes e muitas ainda não foram descobertas, estão esperando uma iniciativa, o desejo de mudar, de qualificar o ensino na EJA.

Sobre essa mudança nas práticas metodológicas, encerramos citando FREIRE (1991, p. 53-54), que ainda nos diz que “(...) se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que pretendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles”.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Proposta Curricular para EJA. MEC, 2002.
———, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96.
———, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, resolução CNE/CEB n.º 1/2000.
———, Proposta Curricular para EJA. Brasília: Ministério da Educação, 2002.
FREIRE, Paulo. *Educação na Cidade*. 1.ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

———, Desafios da Educação de Adultos frente à nova reestruturação tecnológica. Conferência in Seminário Internacional de Educação de Jovens e Adultos: Experiências Internacionais. Brasília: Mec, 1997.

PETER, Mayo. *Gramsci, Freire e a Educação de Adultos: possibilidades para uma ação transformadora*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Roselaine Aquino da. *Significado do Processo de Alfabetização de Jovens e Adultos no contexto de diferentes espaços sociais*. PUCRS, 2001. Dissertação de Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

SOARES, Leôncio. *Educação de Jovens e Adultos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Mini-Pesquisa – Estudo de Caso
Anexo 1: Tabulação das informações obtidas com os professores da EJA do Instituto
Estadual Couto de Magalhães

Total de professores entrevistados: 7 (sete)

Como você vê a migração de alunos do Ensino Regular para a EJA nos últimos três anos nesta Escola?	Respostas	Percentual
Há um aumento significativo no número de alunos que procuram a EJA.	06	85,71
A necessidade de acelerar os estudos e recuperar o tempo perdido.	04	57,14
Oportunidade de adquirir conhecimento a fim de obter emprego melhor ou mesmo promoção profissional.	03	42,85
Falta de condições para a conclusão dos estudos em tempo hábil.	01	14,29

Em sua disciplina, existe um plano de estudos diferenciado na EJA em relação ao Ensino Regular?	Respostas	Percentual
Sim, é preciso atender as necessidades dos alunos.	03	42,85
Sim, é preciso considerar a realidade da turma e as experiências dos alunos.	02	28,57
Sim, é preciso considerar a experiência de sala de aula.	01	14,29
Sim.	01	14,29

Em sua disciplina, existe um Planejamento Diferenciado na EJA em relação ao ensino regular?	Respostas	Percentual
Sim, é preciso considerar a realidade da turma e as vivências dos alunos.	03	42,85
Sim, é preciso produzir acréscimos na formação escolar, pois a passagem pela EJA é curta.	02	28,57
Sim, com avaliações progressivas e avanços.	01	14,29
Sim, é preciso criar aulas que considerem o ritmo dos alunos.	01	14,29
Sim, pois o perfil do aluno é distinto.	01	14,29

Como você analisa as reuniões de Planejamento de Quarta-Feira?	Respostas	Percentual
Oportunidade para a troca de idéias com colegas.	06	85,71
Oportunidade para discutir e aperfeiçoar planos e métodos.	05	71,43
Possibilidade de acompanhamento do rendimento dos alunos.	02	28,57
Oportunidade para a troca de idéias com colegas de mais experiência na EJA.	01	14,29
Oportunidade para ampliar a qualidade do trabalho docente.	01	14,29
Oportunidade para colocar o material em dia.	01	14,29

QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS POR VOCÊ NA PRÁTICA DOCENTE DA EJA?	Respostas	Percentual
Dificuldades de aprendizagem do aluno, sobretudo em função do longo tempo fora do ensino regular.	04	57,14
Não há dificuldades além das costumeiras encontradas no ensino regular.	02	28,57
Dificuldades em livrar-se das práticas tradicionais de ensino.	01	14,29
Atividades de aula pouco tradicionais não são bem aceitas pelos alunos.	01	14,29
Problemas de comportamento em sala de aula, sobretudo dos alunos mais jovens.	01	14,29
Evasão escolar.	01	14,29
Pouca frequência em sala de aula.	01	14,29
Resistência a algumas disciplinas.	01	14,29
Aumento do número de alunos por sala de aula.	01	14,29

Mini-Pesquisa – Estudo de Caso
Anexo 2: Questões semi-estruturadas para entrevista com os alunos da EJA do Instituto
Estadual Couto de Magalhães

NOME: _____

IDADE: _____

TURMA: _____

SEXO: () Masc () Fem

Ocupação Profissional: _____

Há quantos anos você está na EJA? _____

Por que você resolveu sair do Ensino Regular e entrar na EJA? _____

1. Quais as diferenças encontradas do Ensino Regular para a EJA?

2. Quais as maiores dificuldades encontradas ao cursar a EJA?

3. Cite 2 aspectos positivos da EJA:

4. Cite 2 aspectos negativos da EJA: